

Pode ser pendurado do teto (a) de um quarto, se fôr pequeno, (b) de uma casa, se fôr médio, (c) de um hall gigantesco de aeroporto americano, se fôr grande. Está sempre em movimento. Basta uma pequena corrente de ar para fazê-lo se mover pelo espaço. Se fôr pequeno basta um sôpro e se fôr médio, um empurrãozinho com o dedo.

Aí êle toma vida (aliás êle está sempre se mexendo, mais rápido ou devagar, de acôrdo com as circunstâncias) e dá uma gingada doce, se desequilibra todo, rodopia sôbre si mesmo, faz cling-clang se as hastes de metal se chocam no ar, e depois, lentamente, sem pressa e sem barulho, vai-se reequilibrando aos pouquinhos. Um minuto depois, novo movimento do ar recomeça todo êsse ciclo.

Um mobil tem muito de um brinquedo. O próprio Calder, o maior de todos os mobilistas, e o primeiro a usar o nome mobil, reconhece que os principais admiradores da sua obra não passam dos oito anos de idade. Mas êle não acha nada demais nisso, pois também se confessa uma criança. Tipicamente, Calder não gosta de falar sôbre sua arte. Certa vez, o reitor de uma universidade americana quis imprimir um livro "definitivo" sôbre a arte do mobil, e pediu a Calder que respondesse a algumas perguntas. Calder não respondeu a pergunta alguma e escreveu um bilheteinho dizendo que "um dos meus maio-

a arte do MOBILE

res problemas é arranjar bastante tempo para **trabalhar**, sem ficar por aí falando sôbre o meu trabalho".

Na sua autobiografia, intitulada **Autobiography with pictures**, Calder conta como surgiu o termo mobil e como eram os mobs primitivos que fazia em Paris, nos bons anos do entre-guerras. Era uma época muito surrealista, literalmente, e todo artista ficava em casa tentando inventar uma maluquice maior que a do seu vizinho. Calder, americano livre em Paris, não era exceção. Um belo dia, uma amiga levou Marcel Duchamp ao seu **atelier**, e Calder estava trabalhando num quadro esquisito que se mexia por meio de uns motores de relógios. Marcel Duchamp gostou muito de um dos elementos do quadro-móvel; Calder deu para êle, mas perguntou que nome deveria dar àquilo tudo; Duchamp pensou e disse: "mobile".

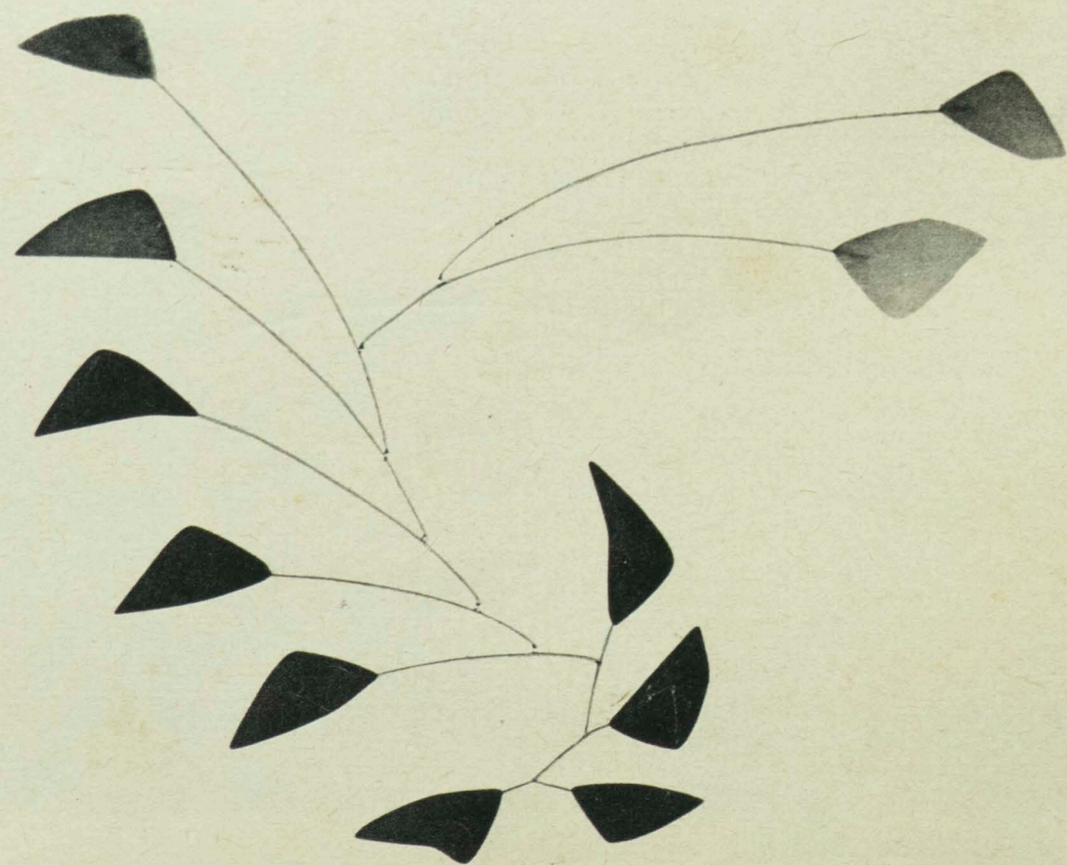
Calder vibrou, fêz muitos outros, todos êles movidos por pequenos

motores. Até há uns poucos anos antes disso, Calder tinha sido um escultor mais do que acadêmico, nos EUA; agora que estava sôlto na Europa podia fazer as loucuras que quisesse, mas conservou o gosto ianque pelos **gadgets**. Êsses mobs primitivos, movidos por motores, estavam ainda longe dos gigantes livres que Calder faria mais tarde, mas mesmo assim um dono de galeria quis fazer uma exposição com êles: Parece que foi um sucesso em meios selecionados. No dia de **vernissage**, Calder voltou imundo para casa, porque tinha de ficar botando óleo nos motores de cinco em cinco minutos.

Talvez a sujeira o tenha conduzido ao bom caminho, e Calder pensou em usar, como força motriz das suas esculturas móveis, outra coisa que motorzinho elétrico. Se a escultura estivesse perfeitamente equilibrada, êle poderia pendurá-la, e o vento faria o resto. Era mais bonito, mais poético, e sobretudo mais limpo. E aí começaram a surgir os mobs que todo mundo está tão acostumado a associar com Calder.

Em pouco tempo, Calder estava famosíssimo, riquíssimo, e feliz "pra burro". Casou, teve duas filhas, elas cresceram e casaram, êle engordou mais e mais, ganhou cada vez mais dinheiro, e hoje está enorme de gordo e feliz da vida. Além de mobs está fazendo esculturas enormes que chama de **stabilis** — que vende, em geral, por no mínimo 150 000 dólares. Mas disso tudo êle só fica com 50 000.

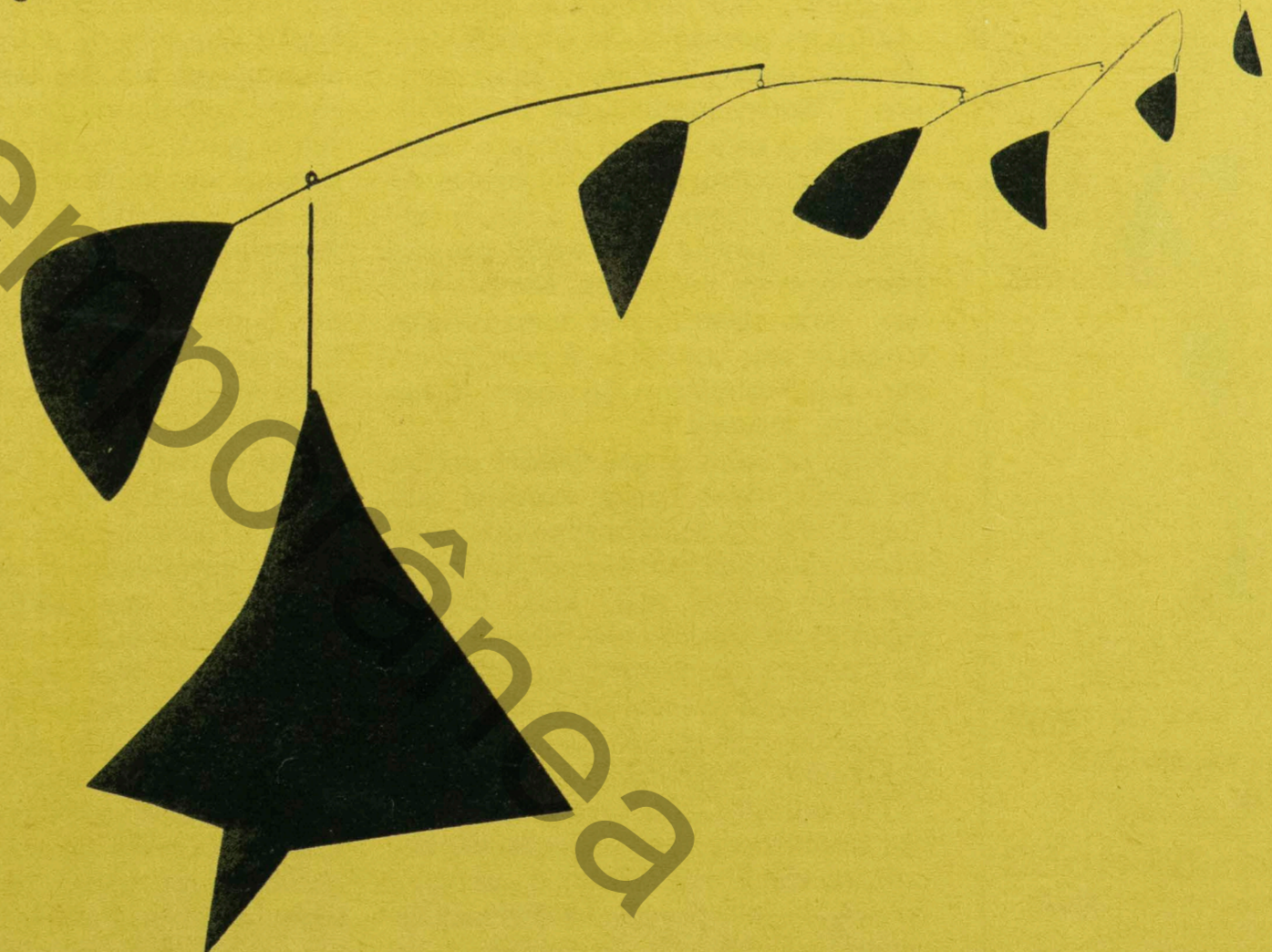
Uma vez que o próprio artista se recusa a definir a sua arte, é preciso recorrer aos intérpretes, ou seja, aos críticos de arte. Não faltam elucubrações sôbre mobs, no mercado dos pequenos ensaios. O próprio Sartre já escreveu um livreto sôbre os mobs do Calder. É pena que, olhando para seja lá o que fôr, Sartre dê sempre um jeito de falar sôbre existencialismo, mas enfim... "Um mobil — diz Sartre — é antes de tudo uma pequena brincadeira, um objeto que se define pelo seu movimento e que não existe fora dêle. É uma flor que murcha quando alguém a pára, é um jôgo puro de movimento, assim como há jogos puros de luzes. Calder não sugere, êle captura movimentos e os aperfeiçoa. Para cada um de



Mobile, 1956.



Stabile: "um dos grandes objetos de ferro com que estou envolvido agora".



a arte do **MOBILE**

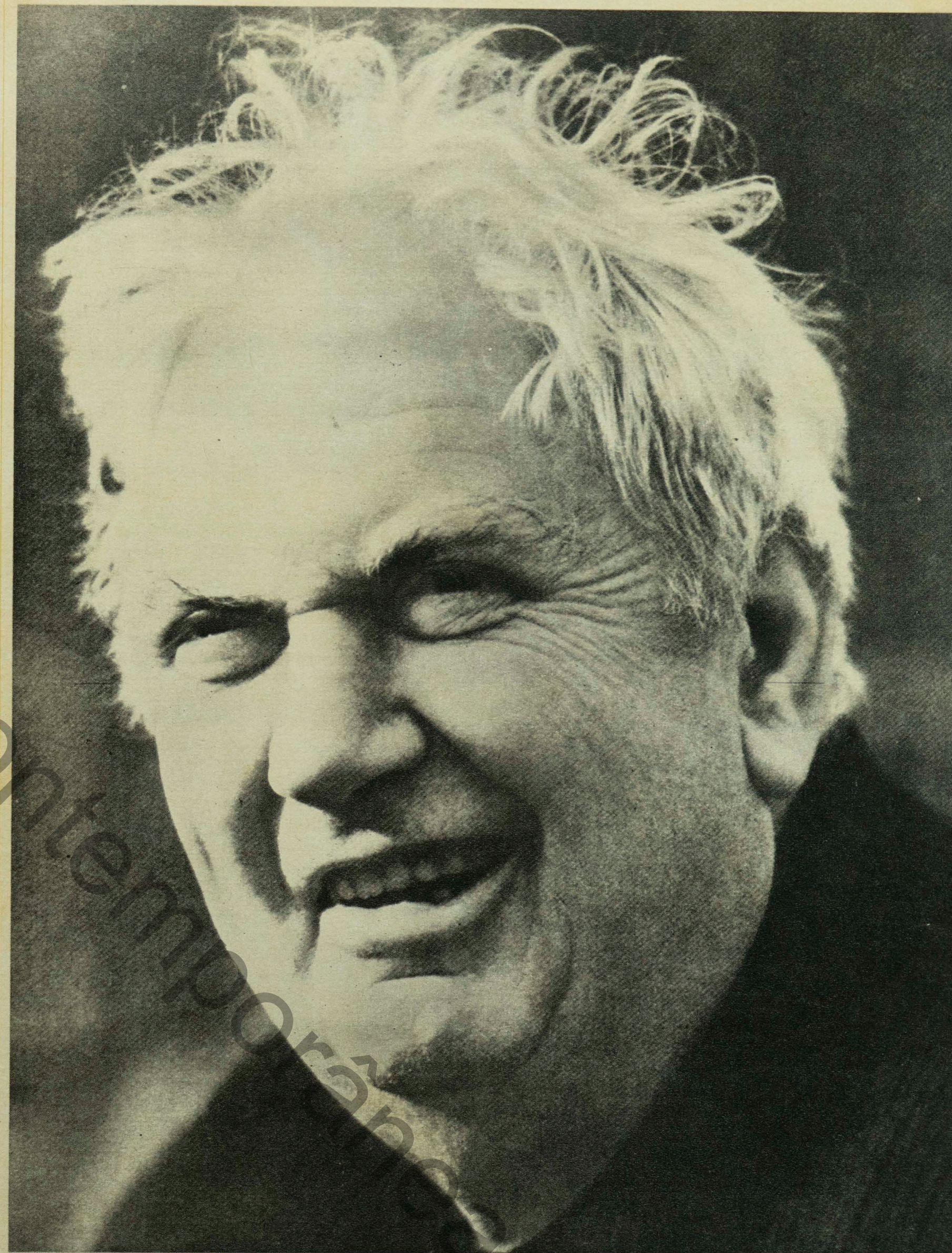
Como ser
criança grande
com muito sucesso

JEAN BOGAUDY

O BRASILEIRO diz e escreve mó-
bile, proparoxítono, e errado,
de tabela. Certo, segundo o Web-
ster's, é **mo'bile**, que em bom portu-
guês seria mobil, com o o fechado.
Quanto ao acento tônico, não é nem
na primeira sílaba nem na segun-
da: é nas duas, equilibradamente,
balançadamente, como o próprio
mobil no espaço, um troço em per-
feito equilíbrio.

Quem inventou o mobil não se
sabe, nem interessa. Será que um
lustre barroco com mil velas é um
mobil? Pode ser que seja e tam-
bém que não seja. A mesma coisa
para uma criança que fica horas
equilibrando pèzinhos ou soldadi-
nhos numa balança de cordão. No
entanto, o nome que mais se asso-
cia ao do mobil é o de um ame-
ricano de Connecticut, filho de ar-
quiteto, neto de arquiteto, e tam-
bém (de um certo ponto de vista)
arquiteto: Sandy Calders, gordo e
rotundo que nem um papai-noel,
por isso chamado de Sandy Claus
pelos amigos, mais conhecido como
Alexander Calder ou simplesmente
Calder, o homem dos mobs.

Antes de dizer que um mobil po-
de ser considerado uma anties-
cultura, ou a luta contra a gravida-
de, ou a poesia em balança, convém
explicar o que um mobil simples-
mente é. Ver ilustração, e pronto.



Alexander Calder.